EXPEDEIÇÃO AMAZÔNIA EXPOSIÇÃO
REGISTO DA FLORESTA E DA ÁGUA
DESENHO ILUSTRACAO FOTOGRAFIA VÍDEO SOM TEXTO
26.DEZEMBRO.2009 A 9.JANEIRO.2010
AGRADECIMENTOS

DIVERSIDADE, PALAVRA-CHAVE, PALAVRA CERTA
PEDRO SALGADO

O ATELIER EM VIAGEM
MIGUEL FORIA

A VIAGEM FILOSÓFICA DE ALEXANDRE FERREIRA AO GRÃO-PARA
DO SILENCIO VISUAL AO TRIUNFO DA IMAGEM
O ATELIER EM VIAGEM

AMAZÔNIA
HENRIQUE QUEIROGA

A FLORESTA DE CHUVAS TROPICAL
A SELVA
AS VÁRZEAS, IGAPÔS E FLORESTAS DE TERRA FIRME
OS RIOS DE ÁGUA BRANCA, RIOS DE ÁGUA NEGRA E RIOS DE ÁGUA CLARA
A BIODIVERSIDADE
A PRESENÇA HUMANA

DESENHOS FOTOGRAFIAS

BIOGRAFIAS

CRÉDITOS
APÊNDICES
A 21 de Outubro de 1783, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, formado na Universidade de Coimbra, chegava a Belém do Pará na charrua Água, chefiando uma equipa à qual tinha sido confiada a inventariação criteriosa da Geografia Física e Humana, a par dos três reinos da Natureza naquela vasta zona do continente sul-americano.

Debaixo do seu comando viajaram José Joaquim Freire e Joaquim José Codina (desenhadores) e Joaquim José do Cabo (jardineiro botânico). Aos primeiros, competia a produção dos registos visuais da viagem; ao segundo, a recolha e preparação de espécies zoológicas, botânicas e minerais para enviar para Lisboa.

Durante cerca de uma década, esta equipa viajou através da rede hidrográfica amazónica pelos rios Solimões, Negro, Branco, Madeira, Guaporé, Cuiabá, até aos confins do Mato Grosso, redigindo memórias, riscando a fisionomia de animais e plantas, das paisagens naturais e humanas, incluindo panorâmicas de cidades e vilas, e colectando as espécies naturais que surgiam a seus olhos.

A expedição, intitulada Viagem Filosófica ao Grão-Pará, constituía uma peça central num conjunto de iniciativas paralelas dispersas por outras regiões coloniais, incluindo o Brasil, a América e o Oriente.

O termo Viagem Filosófica deriva da arrumação disciplinar resultante da reforma pombalina da Universidade de Coimbra (1770-1771), onde a cadeira de História Natural ficou integrada na Faculdade de Filosofía, tendo como objectivos a observação, análise e interpretação da Natureza, o que constituía uma atitude filosófica na genealogia do conhecimento da época.

Através deste conjunto de expedições realizadas, sobretudo ao longo do reinado de D. Maria I, planeava-se a execução de um mapa das riquezas ultramarinas, num esforço sem precedentes da Monarquia portuguesa. Numa época em que a botânica, dado o seu
aproveitamento agrícola e industrial, era considerada assunto de Estado, procurava-se esconder as novas descobertas aos rivais europeus, ampliando o tradicional segredo relativo à localização das jazidas de metais preciosos e diamantes. A par desta vertente de maior pendor econômico, que fazia lei na época, as equipes reuniam igualmente elementos para a redacção de uma História Natural das Colónias consagrada ao Império Português. Esta obra monumental, produzida sob patrocínio régio, procuraria obter o reconhecimento internacional do Iluminismo português, da dimensão única da extensão ultramarina do país e da imagem de D. Maria I como monarca protectora das artes e das ciências.

O projecto ficaria por concluir, permanecendo as memórias e os riscos da exploração desconhecidos do grande público, mantendo, no que concerne aos desenhos da viagem, esse «silêncio visual» que caracterizou a relação dos portugueses com o seu Império Colonial e particularmente com o Brasil.
Tucano-de-papo-branco de Manforte sobre um caju-deiro.
José Joaquim Freire

Árvore de castanha de Periquito do Pará de Mato Grosso.

Nilo Arantes
Portugal, sendo um país de descobridores, não teve o mesmo sucesso como produtor ou divulgador desses novos mundos através da imagem. A História das suas descobertas e conquistas não deixou os outros povos europeus indiferentes, mas as *novidades* circulavam através de descrições literárias que correram, manuscritas ou impressas, por estreitos corredores de comunicação só ao alcance de diminutas elites. O rinoceronte indiano, exótica raridade na época, oferecido por D. Manuel I ao Papa, seria celebrizado pelas gravuras do artista alemão Albrecht Dürer, constituindo um bom exemplo da falta de curiosidade visual dos portugueses e a sua indiferença a uma cultura gráfica que progredia na Europa da época dos Descobrimentos.

Nada foi então produzido comparável aos trabalhos quinhentistas do pioneiro britânico John White (c. 1540-1593), no reconhecimento da costa da Virgínia, ou do francês Jacques Le Moine (c. 1533-1588), considerado um dos fundadores da ilustração botânica, às imagens dos holandeses Albert Eckhout (1610-1665) ou Frans Post (1612-1680) sobre o Noroeste do Brasil no século XVII, ou ao exotismo das obras dos pintores viajantes franceses como Delacroix, que consagraram uma nova visão do Mediterrâneo africano a partir do período napoleónico.

O acervo gráfico produzido pelos desenhadores da *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira revalorizou-se como rara exceção a esse défice generalizado de informação visual, motivando uma enorme curiosidade no tempo presente, constituindo uma das motivações centrais da presente expedição à Amazônia.

Freire e Codina realizaram os seus trabalhos sob instrução directa do comandante da viagem, seguindo estreitos princípios de rigor e fidelidade gráfica às paisagens e espécies observadas, procurando conjugar a competitância técnica com a rapidez de execução, dado ser inevitável gerir em tempo útil as oportunidades geradas pela progressão do itinerário ao longo dos quase dez anos de viagem.
Produziram-se assim, seguindo a linguagem da época, riscos de gentio, animais quadrúpedes, aves, anfíbios, peixes, insetos, prospectos de cidades, vilas, lugares, povoações, fortalezas, edifícios, rios, cachoeiras e espécies botânicas (a série mais numerosa da expedição), num total de mais de um milhar de desenhos originais.
A viagem da presente exploração, mais de dois séculos depois, participando nesse sentimento evocativo, desenvolveu-se, porém, noutro sentido. Liberta da tutela do Estado patrocinador e sem a hierarquia rígida da exploração setecentista centralizada no naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, a Expedição Amazônia 2010 elegeu como objetivo decisivo a informação visual, invertendo a lógica literária tradicionalmente dominante, fazendo jus à axiomática da actualidade no tempo do «triunfo da imagem».

À presente exploração – vinte desenhadores, três fotógrafos, dois cronistas –, foi possível repetir as experiências visuais dos anteriores exploradores, reinterpretação os mesmos modelos, mais de dois séculos passados, onde o poder da paisagem e das espécies naturais cedo fez esquecer as referências passadas.

Ao historiador, foi agora gratificante redescobrir o significado integral dos registos visuais da anterior exploração, numa reinterpretação sustentada na escala e na dimensão da natureza amazônica, só no local realizável, e na directa observação da actividade dos modernos riscadores, acompanhando esse intenso atelier em viagem pelos rios da Amazônia.